**29 JUL**
**Quarta / Wednesday**

**11:00 Igreja de São Tiago / São Tiago Church**

**RECITAL DE PIANO**

**Dmitrii Kalashnikov**

**Ludwig van Beethoven (1770–1827)**
*Sonata para Piano n.º 21 em Dó maior, Op. 53 "Waldstein"*
*Allegro con brio*
*Introduzione. Adagio molto*
*Rondo. Allegretto moderato – Prestissimo*

**Robert Schumann (1810–56)**
*Kreisleriana, Op. 16*
*Äußerst bewegt*
*Sehr innig und nicht zu rasch*
*Sehr aufgeregt*
*Sehr langsam*
*Sehr lebhaft*
*Sehr langsam*
*Sehr rasch*
*Schnell und spielend*

**O QUE HÁ NUM NOME?**

Uma das obras para piano mais conhecidas de Beethoven é a sua Sonata Waldstein. Mas como recebeu a sonata esse nome e quem foi Waldstein? E por que razão chamou Robert Schumann Kreisleriana às suas Phantasien für das Piano-Forte?

O conde Ferdinand von Waldstein und Wartenstein zu Dux era, como o nome talvez já sugira, de linhagem nobre. A família era oriunda da Boémia, mas a sua cidade natal era Viena. Em 1788, von Waldstein mudou-se, como diplomata, para Bona, na Alemanha, residência do príncipe-eleitor de Colónia. Foi aí que Waldstein conheceu os Beethoven. O avô Louis - ou Lodewijk, em neerlandês; Ludwig, em alemão - mudara-se da Bélgica para Bona, onde acabou por se tornar director musical, ou Kapellmeister, do eleitor. O pai de Beethoven, Jean, tinha também inclinação para a

música, mas, devido a um pai dominador, a um talento sólido mas limitado e à morte da mulher, acabou alcoólico. Ainda assim, como escreve o seu biógrafo Jan Caeyers, pode reconhecer-se-lhe o mérito de ter percebido o talento do filho Ludwig e de ter confiado cedo a sua educação a pessoas capazes. Com o apoio do aristocrata bem relacionado von Waldstein, a carreira de Beethoven avançou de forma promissora. Por volta de 1790, Beethoven, então com 20 anos, percebeu que, para alcançar sucesso, teria de deixar a provinciana Bona e partir para um lugar cosmopolita, com uma vida musical mais sofisticada. Mais fácil de dizer do que de fazer naqueles tempos - mas von Waldstein sabia como accionar os mecanismos certos.

Pouco depois de o célebre compositor Haydn se ter retirado da corte dos Esterházy, foi convidado para Londres. Numa paragem em Bona, foi apresentado a Beethoven, que causou uma impressão favorável nesta figura tutelar da cena musical centro-europeia. Von Waldstein convenceu o eleitor, para quem Beethoven trabalhava, a deixar o jovem e talentoso músico partir para Viena.

Acredita-se geralmente que Beethoven, em sinal de gratidão, dedicou a Sonata para Piano Op. 53 a von Waldstein, mas Caeyers levanta algumas reservas. A dedicatória está, de facto, impressa na primeira edição da sonata, mas na partitura original Beethoven não faz referência ao seu benfeitor. Além disso, não há explicação para o facto de Beethoven e von Waldstein nunca se terem encontrado depois do regresso deste último a Viena, em 1809. Ainda assim, a Sonata para Piano Op. 53 está indissociavelmente ligada ao conde von Waldstein, que acabaria por dissipar a sua fortuna, bem como a da mulher, e por morrer na miséria.

A Sonata Waldstein pertence ao chamado período heróico de Beethoven, durante o qual o seu estilo se afastou do Classicismo e abriu caminho à música romântica. A sua música tornou-se mais grandiosa, mais dramática e mais carregada emocionalmente. O conflito e o triunfo fazem habitualmente parte da narrativa musical. A sua luta pessoal contra a surdez terá também desempenhado um papel nesta transição.

Com as Phantasien für das Piano-Forte, entramos plenamente no período romântico. O ciclo de oito peças recebeu o seu verdadeiro título, Kreisleriana, de uma personagem presente em dois escritos de E. T. A. Hoffmann: o frenético maestro Johannes Kreisler. Schumann, que também atravessava fases alternadas de extroversão impulsiva e melancolia sonhadora, deve ter-se reconhecido no tresloucado Kreisler.

Na altura da composição, Schumann encontrava-se numa fase particularmente difícil da sua vida. O seu antigo professor Wieck, por cuja filha Clara se apaixonara, desaprovava um possível casamento e impedira Clara de ver Schumann durante quase dois anos, embora ambos vivessem apenas a alguns quarteirões de distância um do outro, em Leipzig. Kreisleriana pode, por isso, ser vista também como

produto de um amor frustrado. “Um amor bastante arrebatado atravessa algumas partes, e a tua vida e a minha, e alguns dos teus olhares”, escreveu Schumann a Clara Wieck. Apesar da oposição de Wieck, foi Clara a primeira a tocar Kreisleriana, pouco depois da sua conclusão, em 1838.

A certa altura da história de Hoffmann, é pedido a Kreisler que toque as Variações Goldberg, de Bach, o que levou Schumann a incorporar referências a várias obras de Bach: por exemplo, as tercinas da primeira parte de Kreisleriana, vindas da 29.ª variação Goldberg; o segundo intermezzo da segunda parte, vindo da 17.ª variação Goldberg; dois contrapontos da quinta parte, ligados à Kunst der Fuge; e o fugato da sétima parte, relacionado com o segundo volume de Das Wohltemperierte Klavier. Além disso, a maioria dos andamentos de Kreisleriana está escrita na tonalidade de Sol menor, por acaso uma das principais tonalidades das Variações Goldberg.

As oito Phantasien oscilam entre momentos extremamente introspectivos e outros muito expressivos, tanto no interior de cada peça como entre elas. A enérgica primeira parte é seguida por uma segunda parte melódica e sonhadora. Depois da nervosa e ritmicamente exigente terceira parte, a quarta parece letárgica. A lenta e graciosa sexta parte surge depois de uma dança grotesca, na quinta parte, antes de a excitação atingir o clímax na sétima. Na parte final, Schumann retrata o excêntrico Kreisler a cantar - melodia popular -, a saltitar - ritmo pontuado e uma linha de baixo frequentemente desencontrada, que torna a última parte difícil de tocar e memorizar - e, por fim, a desaparecer misteriosamente, nas últimas notas que se desvanecem.

**WHAT’S IN A NAME?**

One of Beethoven’s best-known works for piano is his *Waldstein Sonata*. But how did the sonata get its name and who was Waldstein? And why did Robert Schumann call his ‘Phantasien für das Piano-Forte’ *Kreisleriana*?

Count Ferdinand von Waldstein und Wartenstein zu Dux was, as the name may already suggest, of noble pedigree. The family hailed from Bohemia, but his hometown was Vienna. In 1788 Von Waldstein moved as a diplomat to Bonn, Germany, the residence of the Prince-Elector of Cologne. Here Waldstein met the Van Beethovens. Grandfather Louis (or Lodewijk in Dutch, Ludwig in German) had moved from Belgium to Bonn, where he eventually became the Music Director (*Kapellmeister*) of the Elector. Beethoven’s father, Jean, had a penchant for music too, but due to a dominant father, solid but limited talents, and the death of his wife, he ended up an alcoholic. Nonetheless, as his biographer Jan Caeyers writes, he can be credited for recognizing his son Ludwig’s talent and delegating his education

to capable people early on. With the support of the well-connected socialite Von Waldstein, Beethoven's career developed satisfactorily. Around 1790, the 20-year-old Beethoven realized that, if he were to become successful, he needed to leave provincial Bonn and go to a cosmopolitan place with a more sophisticated musical life. Easier said than done in those days – but Von Waldstein knew how to pull the right levers.

Soon after the celebrated composer Haydn had retired from the Esterházy court, he was invited to London. At a stopover in Bonn, he was introduced to Beethoven, who made a favorable impression on the *éminence grise* of the central European music scene. Von Waldstein convinced the Elector, for whom Beethoven was working, to let the young, talented musician go to Vienna.

It is generally believed that Beethoven, as a token of gratitude, dedicated the Piano Sonata, Op. 53 to Von Waldstein, but Caeyers places a few critical notes. The dedication is indeed printed on the first edition of the sonata, but on the original score Beethoven doesn't refer to his benefactor. Furthermore, there is no explanation as to why Beethoven and Von Waldstein never met after the latter's return to Vienna in 1809. However, the Piano Sonata, Op. 53 is inextricably linked to the Count von Waldstein, who eventually squandered his money, and that of his wife, and died in destitution.

The *Waldstein Sonata* is part of Beethoven's so-called heroic period, during which his style moved away from Classical and paved the way for Romantic music. His music became grander, more dramatic and more emotionally charged. Conflict and triumph are typically parts of the musical narrative. His personal struggle with his deafness supposedly played a part in this transition.

With the 'Phantasien für das Piano-Forte' we firmly entered the Romantic period. The cycle of eight pieces derived its real title, *Kreisleriana*, from a character in two of E.T.A. Hoffmann's writings, the frenzied conductor named Johannes Kreisler. Schumann, who himself went through alternating bouts of impulsive extroversion and dreamy depression, must have recognized himself in the crazy Kreisler.

At the time of composing, Schumann found himself in a particularly difficult phase of his life. His former teacher Wieck, whose daughter Clara he had fallen in love with, disapproved of a possible marriage and had shielded Clara from seeing Schumann for almost two years, although they only lived a few blocks away from each other in Leipzig. *Kreisleriana* can hence also be seen as a product of frustrated love. "A rather quite wild love lies in some parts, and your life and mine and some of your glances," Schumann wrote to Clara Wieck. Despite Wieck's obstruction, Clara was the first to play *Kreisleriana* shortly after its completion in 1838.

At some point in Hoffmann's story, Kreisler is requested to play Bach's *Goldberg Variations*, which led Schumann to incorporate references to several of Bach's works, for example the triplets in the first part of *Kreisleriana* (from the 29th Goldberg variation), the second intermezzo in the second part (from the 17th Goldberg variation), two counterpoints in the fifth part (*Kunst der Fuge*), and the Fugato in the seventh part (*Wohltemperiertes Klavier II*). Moreover, most of the movements of *Kreisleriana* are written in the G minor key, incidentally one of the main keys of the *Goldberg Variations*.

The eight 'Phantasien' go back and forth between extremely inward looking and very expressive, both within the individual parts as well as between them. The energetic first part is followed by a dreamy melodic second part. After the nervous, rhythmically challenging third part, the fourth part feels lethargic. The slow and graceful sixth part comes after a grotesque dance (fifth part), before the excitement reaches its climax in the seventh part. In the final part, Schumann depicts how the eccentric Kreisler sings (folk melody), hops around (dotted rhythm and an often out-of-step bassline, making the last part hard to play and memorize) and finally mysteriously disappears (fading last notes).

Bart de Vries